

Abadia organiza batalhão de fiscais

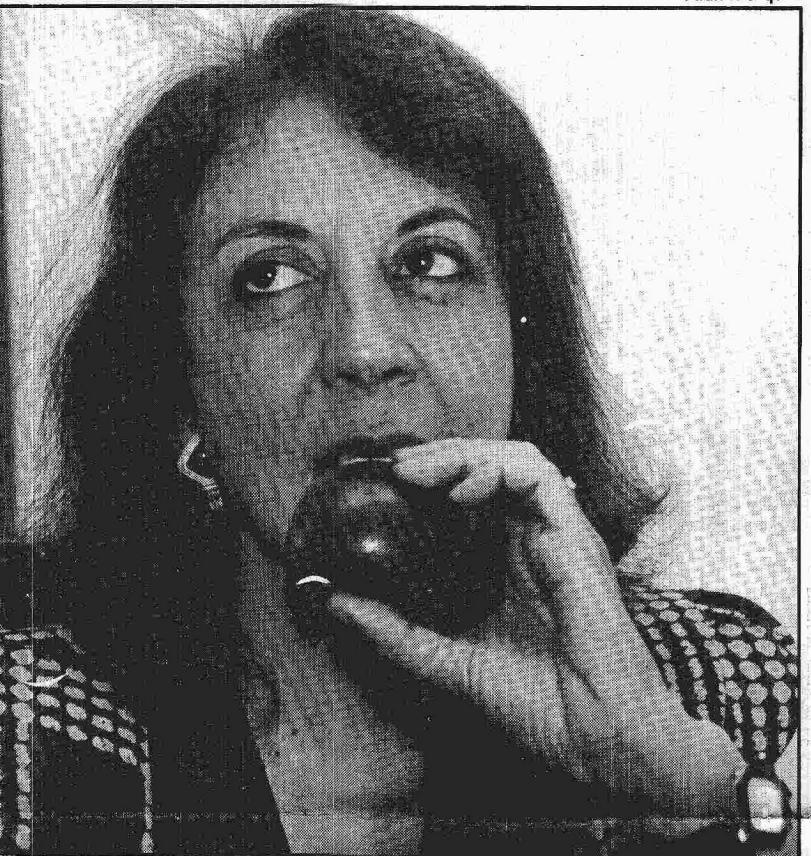
Alan Marques

A dois dias das eleições, Maria de Lourdes Abadia foi acordada ontem às 7h00 pelos militantes da coligação Brasília de Mão Dadas e não conseguiu cumprir a agenda que seria dedicada à casa e à família. "Estamos organizando nosso batalhão de fiscais. Até ontem (sexta-feira) eram 1.500, mas queremos três mil durante a apuração; e isso dá trabalho", disse a tucana.

Entre pães, frutas e sucos, a candidata tucana tentava se recuperar do último dia de campanha. "Nosso comício na Ceilândia foi ótimo; difícil foi visitar o baile da terceira idade, no Quarentão. Os velhinhos estavam à toda. Até me convidaram pra dançar um forró, mas não agüentava", confessou a deputada, reclamando de câimbras nas pernas surgidas nas últimas semanas.

O cansaço da candidata só era compensado pela perspectiva de um segundo turno, segundo ela inevitável. "Recebi uma informação hoje (ontem) de um órgão oficial que não posso revelar de que a eleição em Brasília está embolada. Esperava um segundo lugar, mas agora, quem, sabe", afirmou a tucana, entre um gole e outro de guaraná, segundo ela o segredo de sua disposição.

Na sala do amplo apartamento da Asa Sul, a tucana dividia espaço com caixas de papelão recheadas de



No café da manhã de Abadia, pão, frutas, sucos e guaraná

material de propaganda. Entre jornais, embalagens de remédios e vitaminas contra estresse e dores de cabeça, Abadia se queixou do ritmo eleitoral: "Não sei como agüento. Foram muitos os dias em que acordei às quatro da madrugada para entrevistas em rádio e corpo a cor-

po com rodoviários".

Abadia reafirmou sua condição de mulher como virtude para governar o DF, usando referências esotéricas para justificar. "As cartas de tarô me disseram que o terceiro milênio virá como o tempo feminino; será uma época de fertilida-

dade", disse a tucana. "Já na numerologia, o nome Abadia surge forte e sólido como uma catedral", filosofou a candidata.

Superstições a tucana confessou poucas, se restringindo às roupas. "Gosto muito de branco, mas não me decidi quanto ao que vou usar para votar", afirmou, vestindo um tailleur, segundo ela americano, azul e amarelo, as cores tucana. "É impressionante, mas todas as amigas que viajam me trazem de presente trajes nessas cores; já não tendo onde guardá-los".

Sobre a violência dos cabos eleitorais, a candidata da Frente Brasília de Mão Dadas se mostrou preocupada. "Tudo começou com a Frente Progressistas, que não aceitou o sorteio dos pirulitos. A partir daí, a guerra pelas propagandas gerou conflitos violentos entre os partidos. Nossa material não consegue ficar meia hora colado sem que outro seja pregado em cima", acusou Abadia.

A crítica final ficou para o corrente Valmir Campelo. "Ele está desesperado. Até o governador perdeu a compostura e me agrediu verbalmente em Santa Maria. Brasília está envergonhada com esse tipo de comportamento de quem deveria dar o exemplo de equilíbrio e distanciamento das eleições", conclui a candidata.